



O ROTEIRO POR ENTRE AS FALAS DO SILÊNCIO: UM ESTUDO SOBRE A NOVELA ROQUE SANTEIRO (1985)

Gabriela Miranda de Oliveira, Kamila Freire Fonseca, Carlos Cesar Pereira de Almeida Filho

Introdução

A telenovela brasileira é um gênero midiático exportado em grande escala para diversos países, levando consigo um pouco da cultura, das experiências, do modo de viver e dos problemas enfrentados no país. Dessa maneira a telenovela se torna uma vitrine do cotidiano levando em conta a heterogeneidade presente entre as diversas regiões geográficas do Brasil. Desde a primeira telenovela, datada na década de 1950 até atualidade, o hábito de acompanhar as histórias melodramáticas presentes nas telenovelas é muito forte e presente entre os brasileiros, fazendo com que seja possibilitada uma análise histórica deste fato. As cenas transmitidas pela telenovela são pensadas e intencionais. Dessa maneira, pretende-se discutir e analisar possibilidades de se aplicar o paradigma indiciário proposto por Carlo Guinzburg em uma fonte não muito usual pelos historiadores, a telenovela, tomando como base a novela *Roque Santeiro*.

Material e métodos

A pesquisa aqui proposta pretende utilizar dos recursos metodológicos de análise historiográfica da telenovela, em seus momentos de ausência de diálogo, observando os elementos cênicos e recursos midiáticos de transmitir mensagens e ideologias. Para alcançar nosso objetivo pretendemos utilizar o método proposto por Carlo Guinzburg, chamado de Paradigma Indiciário.

Carlo Guinzburg escreve sobre o surgimento de um modelo epistemológico de grande aplicabilidade no campo da história, que emergiu por volta do final do século XIX, e busca investigar os pormenores negligenciáveis. [1] Nas palavras de Sidney Chalhoub:

Mais do que uma reflexão e descrição pormenorizadas de sua própria prática como historiador, o artigo de Guinzburg temo objetivo de discutir o surgimento, em fins do século XIX, de um paradigma de construção de conhecimento nas ciências humanas que busca ir além do eterno contrastar esterilizante entre o “racional” e o “irracional”, o “particular” e o “geral”, a atitude “fragmentária” e a “holística” etc. [2]

Pretendemos destacar que há um roteiro guiando essas passagens dentro das telenovelas, demonstrando a intencionalidade de cada elemento cênico, como no exemplo citado as propagandas dos produtos que provavelmente patrocinam a telenovela, ou a emissora que a transmite. O exame de investigação desses momentos podem contribuir de maneira significativa na análise desta mídia, enquanto fonte para o historiador, aplicando o método do paradigma indiciário.

Dessa maneira acontece com a novela *Roque Santeiro*, o qual aqui se propõe analisar. A escolha de *Roque Santeiro* (1985), se dá em virtude do contexto de revolta e opressão do qual essa novela está inserida, o que faz com que a obra possua características que a diferencia das demais telenovelas transmitidas pela Rede Globo de Televisão, canal pela qual foi exibida.

Roque Santeiro é uma novela escrita por Dias Gomes em parceria com Agnaldo Silva. A novela tem origem na peça “O Berço do Herói”, escrita por Dias Gomes, em 1963, que seria encenada em 1965, porém a apresentação teatral foi proibida pela censura, que durante esse período, foi um dos mecanismos que tinha como objetivo manter a ordem proposta pelos militares. Em *Roque Santeiro*, que foi escrita em 1975, não mais se fazia referência ao militarismo, redirecionando as críticas à dimensão religiosa, transformando o herói em santo. Contudo, as desconstruções suscitadas por Dias Gomes desde a peça de origem, somado a trajetória de revolta deste autor em relação ao Regime Militar, fizeram com que a obra fosse censurada em 1975, e exibida somente no ano de 1985.

As telenovelas de Dias Gomes contêm elementos que nos abrem as portas para uma reflexão das questões éticas, sociais, políticas e religiosas, e que inquietam o cotidiano do Brasil. A produção deste autor atraiu a atenção dos censores sobre o espírito da obra que viria perturbar as convenções sociais, numa época de fechamento ideológico. [3]



Resultados

Após as análises realizadas constatamos que por se posicionar contra a ideologia militar, que Dias Gomes satiriza as propagandas feitas pelos mesmos, em que o Brasil é apresentado como o país do progresso. O autor desconstrói essa visão em sua obra, mostrando que os grandes feitos e, na ocasião, os grandes homens, não passam de construções mentirosas. Para tal, ele faz da fictícia cidade de Asa Branca um palco de tumultos, inquietações e alvoroços em volta de todos os acontecimentos. E mesmo nas cenas que não possuem ação, estão presentes as insinuações.

Em *Roque Santeiro*, aparecem várias cenas que enquadram o panorama urbano da cidade de Asa Branca e em diversos momentos aparecem nessas cenas, geralmente acompanhadas de um fundo musical, imagens de muros com pichações. As passagens fílmicas são tão rápidas que só é possível decifrar corretamente o que está escrito nos muros pausando a novela nos momentos em que as mesmas aparecem. Em sua maioria, as mensagens nos muros externam insatisfação com o momento político no contexto de vigência do Regime Militar, em 1964. As pichações são geralmente em vermelho, sendo recorrente a sigla PCB, Partido Comunista Brasileiro. A trajetória do autor possibilita entender essas rápidas e aos olhos de muitas imperceptíveis inferências à insatisfação política do momento.

Além das mensagens das pichações, percebe-se que nos momentos de ausência de diálogos a incidência das músicas da trilha sonora da telenovela, que na maioria das vezes diz mais sobre o personagem, ou ocasião que retrata, do que os próprios diálogos. Em *Roque Santeiro* as músicas representam a visão que alguém de fora tem do universo da narrativa. [4] A trilha sonora oferece um rico recurso de análise das cenas “mudas”.

As cores usadas nas roupas dos personagens, bem como no cenário de gravação também proporcionam uma interpretação ligada ao campo simbólico.

Todas as ciências do homem e todas as artes, bem como as técnicas que delas procedem, deparam-se com símbolos em seu caminho. Devem conjugar esforços para decifrar os enigmas que neles se encerra. Seria dizer pouco que vivemos num mundo de símbolos – um mundo de símbolos vive em nós. [5]

Um grande exemplo relacionado ao simbólico esta na personagem interpretada pela atriz Cássia Kiss, do qual o nome Lugolina de Aragão é poucas vezes mencionado na telenovela, onde todos a chamam de Lulu. Ela é casada com o personagem Zé das Medalhas, que trabalha com o comércio de artigos religiosos na cidade. O casal vive em situação de conflito, onde a esposa, durante várias vezes, tenta se divorciar do marido, mas não obtém sucesso. O comerciante mantém a esposa trancada em casa, como uma prisioneira, e a primeira aparição de Lulu em “Roque Santeiro”, é quando a personagem foge de casa e vai até a boate que havia sido inaugurada em Asa Branca. O figurino de Lulu na cena “fuga”, a primeira aparição da personagem na telenovela, chama atenção pela cor. A atriz traça um vestido vermelho, sapatos vermelhos, bolsa vermelha e batom vermelho. O vermelho é, segundo Guimarães, em seu estudo do significado das cores na mídia, uma cor agressiva, que esta ligada à proibição e a violência. Ainda de acordo com o mesmo autor, a relação do vermelho com elementos como o fogo ou o sangue, somado ao estudo das cores na física, ajudam a entender a agressividade dessa cor. [6]

Chevalier destaca também o caráter transgressor da cor vermelha. Na primeira aparição de Lulu em *Roque Santeiro*, a personagem está experimentando o proibido, o perigoso, portanto foi usada a cor mais adequada para ajudar a descrever a relação dos sentimentos na cena.

Assim, esses aspectos por muitos negligenciados, ganham sentido através da análise histórica.

Discussão

O caminho percorrido pela historiografia ao longo dos tempos mostra a mudança no uso das fontes pelo historiador, que atualmente tem um leque extenso de opções de estudo. A fragmentação dos campos de trabalho da história, explicada por Burke, indica que mediante a essa variedade é necessário cada vez mais estudo e cautela para com a escrita da história.

É possível localizar o início de tais mudanças com a chamada *École des Annales*, ou Escola dos Annales, que foi um movimento de historiadores franceses, nos anos 1930 em busca de novos problemas, novas abordagens e novos objetos. Surge então “a nova história”, que se opõe à abordagem tradicional ou Rankeana, predominante entre os historiadores profissionais até o início do século XX. “De acordo com o paradigma tradicional, a história diz respeito essencialmente à política”. [7] A “nova história” resgata outros tipos de história que até então eram marginalizadas, como a história social e cultural.

A autora Sandra Jatahi Pesavento destaca as transformações ocorridas na historiografia em âmbito nacional e internacional, destacando a crise dos paradigmas explicativos da história e pontuando a consolidação da história cultural.



FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portando já um significado a uma apreciação valorativa. [8]

A História Cultural é um amplo campo dentro da historiografia e os estudos sobre as culturas e suas formas simbólicas possuem amplas referências. As pesquisas históricas sobre telenovelas se enquadram nos estudos de História Cultural e a metodologia para esse tipo de pesquisa ainda está em formação. Pode-se contudo aplicar métodos já consagrados na historiografia adaptando-os de maneira que apresentem os resultados de acordo com as pesquisas em história.

Um caminho apontado é o uso do paradigma indiciário proposto por Carlo Guinzburg, no qual sugere a investigação de pistas, sinais vestígios que possam oferecer as respostas almejadas. O paradigma indiciário está intimamente ligado aos silêncios das fontes, ou seja, aos indícios mudos. Cabe ao historiador debruçar seus estudos sobre a uma percepção acurada para o não dito. Cada fonte possui “seu silêncio”, saber decifrá-lo, pode render à pesquisa historiográfica um grande diferencial.

Considerações finais

Concluimos que a telenovela consiste em uma fonte de grande visibilidade, mas muitas vezes não interpretada. Exemplos como os citados, nos permitem pensar de maneira histórica a telenovela, utilizando técnicas originadas do paradigma indiciário, inscrito por Carlo Guinzburg.

Após demonstrar a busca pelo não dito, procurando os detalhes que muitas vezes são negligenciados, usando como objeto de análise a telenovela *Roque Santeiro*, percebemos que o contexto em que essa telenovela está inserida possibilita melhor entender os significados dos silêncios presentes nessa telenovela.

Referências

- [1] GUINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- [2] CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade**. Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 13-28.
- [3] PAIVA, C. C. **Roque Santeiro: Uma Alegoria do Brasil**. BOCC - Portugal. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Portugal, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2001.
- [4] HAMBURGER, Esther. **O Brasil Antenado: a sociedade da novela**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- [5] CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. 24ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- [6] GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística, e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2000.
- [7] BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- [8] PESAVENTO, Sandra Jatayh. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.